

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ANTONIO AUGUSTO MOURÃO

Não é a primeira vez que se tarja de negro este jornal para prestar uma homenagem de respeito a qualquer morto estimado ou illustre. Palavras de apothose e de gloria nos teem sahido dos bicos d'esta penna para a memoria de grandes cidadãos, benemeritos da humanidade ou benemeritos da patria. Phrases d'amor nos teem sido arrancadas pelo passamento d'algum outro, que, embora descido das cuniadas da gloria, tinha no caracter, no coração, na alma pura de bom cavalheiro e bom amigo, altar largo para ofertas e sacrificios de amizade. Mas nunca, no decorrer da nossa vida jornalística, tão picada d'accidentes, tão tecida d'amarguras, ainda que relativamente curta, tivemos um dia mais triste e mais maguado do que este para ajoelharmos á beira d'uma campa.

Não é a campa d'um heroe! O heroe, com a corôa de triumphos que irradia a luz rutilante da gloria, tem entretecidos os espinhos com que rasgou o coração da humanidade que o levou ao capitolio. Não é a campa de qualquer victorioso da opinião publica, que leve na mortalha que o envolva o veneno da corrupção com que venceu os grandes e com que illudiu a turba. É a sepultura rasa d'um modesto popular, que deu tudo pela grande causa da reabilitação humana, com a mais corajosa das virtudes, a mais pura, a mais querida, a mais abençoada, a virtude de se não lembrar de recompensa, de não mirar a reclames, de não querer nada para si. Bemdicta seja a tua alma, que tu és dos bemaventurados da grande religião da consciencia!

Antonio Augusto Mourão, amigo saudoso, querido companheiro de combates, não te diremos a phrase consagrada das conveniencias sociaes. Não te diremos —fica em paz—isto é, fica solitario em seis palmos de terra, abandonado á sombra d'um cypreste. Porque a tua memoria ha de viver, enquanto viver um coração republicano n'esta terra! Porque o teu nome, apesar de modestissimo e humilde, ficará viuculado para sempre á historia do movimento democratico, quando as gerações vindouras souberem aferir pelo padrão angusto da justiça a somma de trabalho, a porção de sacrificios, o total de sentimentos nobilissimos que são indispensaveis para a lucta, em que andaste contra um tremedal de vicios n'um triste soalheiro de provincia!

Era uma noite d'agosto de 1881. Das janellas d'um mirante da rua das Barcas pendiam umas bandeiras tricolores. Uns bancos de madeira arranjados á pressa, uma mesa de pinho tosco coberta d'um panno encarnado, um retrato de Victor Hugo suspenso da parede, um vaso de flores n'uma insignificante jardineira, constituíam toda a mobilia e toda a ornamentação da sala inaugural do movimento republicano em Aveiro.

Antonio Mourão não fôra dos entusiastas nem dos iniciadores. O jacobino era outro, e esse outro levou-o á sessão a simples titulo de curiosidade. «Pôde ser que pegue» tinha-nos dicto o jacobino!

Reunida a assembleia, o presidente ergueu-se para proferir o seu discurso. Discurso de vinte annos, quente de rhetorica, vibrante d'argumentos que a desmoralisação monarchica se encarregava d'ajunctar, contagioso na convicção que o dictava, seductor nas illusões da inexperiencia, d'uma electricidade animica pela grande causa e os sublimes principios que o inspiravam e protegiam. Era todo o seu valor!

Antonio Mourão ouviu e no fim... estava convertido ao republicanismo! O jacobino, esse, foi-se, borboleta d'azas queimadas no fogo da virtude, como se foram muitos outros jacobinos que lá estavam, morcegos deslumbrados pela luz d'uma ideia radiosa. O midone, esse, ficou, e ficou para toda a vida, e ficou decididamente trabalhando, sempre alegre e satisfeito na batalha, sem um queixume, sem um desalento, sem uma hora de desanimo!

Pobre moço, que tão cedo baqueaste fulminado pela morte!

A obra mais notavel de Antonio Mourão, e sem duvida importante, tanto para a vida politica local como para os resultados democraticos do paiz, foi a fundação do *Povo de Aveiro*. Foi elle o mais caloroso advogado da creação d'este jornal, de que se conservou proprietario e um dos administradores até ao ultimo instante. Foi elle o que mais instou com quem traça estas linhas para que tomasse a responsabilidade moral da empreza

de que elle, com Arthur Paes, tomaria a responsabilidade material. Depois veio-nos, é certo, e logo de seguida, o auxilio valioso e poderoso de Ponce Leão Barbosa, de Rodrigues da Graça, de Manuel e de Fernando Christo, que vincularam a sua existencia á existencia do jornal. Mas é incontestavel que sem Antonio Mourão o *Povo de Aveiro* nunca teria existido.

Eis porque cada som lugubre n'esse dôbre de finados, que requer de cada desconhecido uma prece para um morto, de cada conhecido uma lagrima para um companheiro que se vae, de cada um dos homens um segundo d'atención e de respeito para o membro da especie, ramo da arvore altiva e bella esgalhado pelo vento do tufão, é uma pancada dolorosa no nosso coração attribulado d'irmãos d'armas! Eis porque o piar dilacerante das aves da morte, que já esvoaçam a estas horas por cima d'aquella sepultura, é como que o presagio funesto da derrota do exercito!

Elle morre quando a causa mais precisa de dedicações como aquella, quando as phalanges mais carecem de soldados! Elle é o primeiro a cahir d'este grupo audaz de republicanos aveirenses, que tanta vez teem sabido resistir ao ataque sagaz e apertado de mais que um adversario resolutivo! Não importa; arredemos o presagio e avante.

Nós te levaremos cada tarde tepida d'inverno, mansa como o teu bonissimo espirito, uma corôa de flores apanhadas no silvado. Não te pertencem louros, inda bem! Será de violetas, que é o symbolo da modestia. Nós te levaremos na manha de cada primavera um ramo da madre silva suavissima do bosque. Nós te daremos o perfume da vida para te bebermos o desprendimento da morte. E assim robustecidos para a lucta tentaremos com um duplo esforço pela vasta causa da liberdade e da democracia honrar o logar querido que deixaste vago entre nós.

Tu foste sempre o mesmo, nós seremos sempre os mesmos!

Bemdicta seja a tua alma, que tu és dos bemaventurados da grande religião da consciencia!

AVEIRO

A VIAGEM DE SUA Magestade

Quem os ouviu e quem os ouviu! E' a sucia mais desavergonhada que tem gerido os destinos do paiz.

O rei, outr'ora, exigia dos ministerios que lhe subsidiassem dançarinas. O rei enchia o quarto de rozas, ao meio dia, com grave offensa do olfacto ajasminado do palacio. O rei provocava crises ministeriaes por causa das Berthas do mundo do deboche. O rei escrevia cartas a Napoleão III sacrificando-lhe a autonomia do paiz em troca da satisfação de umas reles e miserias vaidades. O rei impunha-se pessoalmente em tudo e por tudo. Hoje é um poço de sabedoria, de bondade, de justiça, d'amor e de grandezal

«O que elles não pôdem, dizia o *Diario Popular* de 19 do corrente referindo-se aos republicanos, é dementar os espiritos e perturba-los a ponto de convencê-los de que a republica é a suprema aspiração d'algum que seja medianamente sensato em Portugal e que ella resume a as-

piração d'uma fracção importante dos habitantes d'este paiz.»

Não; não podem dementa-los, tem razão o *Diario Popular*. Porque só um espirito doentio poderá n'este paiz deixar de ter nojo e desprezo pelo regimen e instituições, em que o sr. Marianno de Carvalho é ministro do rei que classificou de rei das Berthas e das cartas a Napoleão III. Porque só uma consciencia emporcalhada e suja poderá sem revolta e sem protesto aceitar aquella monarchia, em que o sr. Emygdio Navarro é ministro do rei que fulminou com o epitheto de —**capa de ladrões**. Não; não é preciso perturbar os espiritos para os convencer de que a republica seja a suprema aspiração d'algum medianamente sensato em Portugal, desde que não ha ninguem medianamente honrado que possa admittir a monarchia portugueza como compativel com as minimas noções e rudimentos de brio, dignidade e pundonor.

Ora os descarados! E' preciso muita desfaçatez para tanto. Accusam a realza dos maiores crimes; lançam ao rei os vituperios mais ardentes; pintam o sr. D. Luiz como um poço de vicios; lamentam as louuras creanças que, tendo nascido sob tectos dourados ninguem sabe aonde, á força de desatinos,

irão terminar os seus dias; desenham a actual monarchia portugueza como o regimen mais degradado, mais immoral, mais anti-patriotico, mais damnhinho, e hoje, porque a realza lhes enche a barriga em farta cevadeira, e porque o desatino dos chefes republicanos tem paralyzado a acção da democracia nacional, atrevem-se a escrever que a republica não pôde ser a suprema aspiração de algum que seja medianamente sensato em Portugal!

Que seja medianamente indigno, é que a folha de S. Roque queria dizer. Quem prezr um pouco a dignidade propria e a dignidade nacional não deixará de ter o mais profundo tedio por todas essas porcarias, que constituem o fundo e a vida palpavel das instituições que actualmente nos regem.

E não é preciso ir-mos ao longe buscar o argumento e a prova. Temos uma cousa e outra bem de casa, ao pé da porta. A nossa maior vingança está n'isso. Está em vêr o sr. D. Luiz de Bragança proclamado e victoriado em Aveiro por uma gente, que deshonraria pelo contacto qualquer cidadão *nimiamente* brioso e altivo. Terra onde o governador civil arrecada o imposto que lhe pertence pagar como cidadão particular, onde o presidente da ca-

mara sacca dinheiro dos cofres municipaes quando lhe convem, onde as obras publicas são, como o quartel, mina inexgotavel de recursos, onde os eleitores são riscados dos cadernos com um cynismo sem nome, onde os quarenta maiores contribuintes são recebidos a tiro como em Ovar, fornecendo-nos elementos bastantes para que possamos bradar, alto e bem alto, que a monarchia não é mais que um regimen d'arranjos, de desigualdades, d'injustiças, de patronato escandaloso e d'immoralidades revoltantes.

Que venha, o chefe do estado. Que venha e que repare no estado d'abandono em que se encontra uma das mais formosas terras do seu reino. Que repare n'essas ruas desalinhas, n'esses largos, que deveriam ser soberbos, pejalos de casebres, nos destrôcos d'arvoredo, arvoredo que deveria ser lindissimo, que orla algumas das estradas, no desalinho dos passeios, nas pessimas condições dos edificios publicos construidos e a construir. Que indaga das violencias d'Ovar, d'Areda, da misericórdia, de toda a parte onde ha interesses progressistas a zelar. Que saiba d'um commissariado de policia, que só serva para galopinar infamemente em dias d'eleições. Que não ignore dos magistrados que pozeram

na rua os ladrões e na cadeia os innocentes. Que conheça os funcionarios do correio, da repartição de fazenda e outros tantos, que foram transferidos e demittidos por não agradarem ao chefe progressista.

Que fique com bom conhecimento de tanta patifaria dos agentes do seu governo, que seja por cima applaudido por Fernando de Vilhena e C.ª, e nós ficaremos plenamente satisfeitos porque ficamos plenamente vingados.

E então o *Diario Popular* que compare á vontade monarchias e republicas!

QUESTÕES MILITARES

Tinhamos nós dicto que a prova mais clara de que a cavallaria nem mesmo na patente de capitão ia mais inferior á infantaria em promoções, estava no facto do sr. Antonio José de Barros Vianna ter percorrido em menos tempo os postos subalternos e ter sahido primeiro capitão que o sr. Augusto d'Arzila Fonseca, alferes d'infanteria do mesmo dia que o citado sr. Barros Vianna. Que respondeu a isto o *Diario Popular*, que não soubera destruir nenhuma das nossas afirmações

restantes? Respondeu da maneira que se segue:

«Com respeito ao sr. Barros Vianna ha effectivamente alguma differença, visto que este official é capitão d'abril de 1886 e o sr. Arzila é capitão de junho do mesmo anno. A differença, como veem, é apenas de dois mezes, que o sr. Vianna ha de pagar caro na ascensão a major. Sob esta ligeira vantagem em favor do sr. Vianna não tem o contradictor que reclamar, por isso que de modo algum paga a differença do pezo do serviço havido entre as duas armas e o augmento de despeza nos uniformes, arreios do cavallo etc. Agora o que tem graça, e é proprio de Palhaça, é o premio escolar apresentado como elemento de melhor promoção.»

Ora isso que ahi fica, affastadas para o lado as chocarrices, é a confissão, pelo proprio órgão do sr. ministro da fazenda, da imprudencia, leviandade e ignorancia com que se mettem a fallar d'assumptos militares.

Não reclamamos cousa alguma contra o sr. Barros Vianna nem contra official nenhum de cavallaria. Defendemos a verdade, restabelecemos a justiça e mais nada. Quem reclamou foi o contradictor, que veio desfigurando os acontecimentos para o publico dizendo que os coronéis de cavallaria, e mais officiaes, do major Garcez para baixo, estavam preteridos pelos officiaes de infantaria. Mas se é o mesmo *Diario Popular* que vem agora declarar que disse asneira, porque effectivamente o sr. capitão Vianna tem obtido mais vantagens na sua carreira militar que o sr. capitão Fonseca, fique-se lá com os pesos e arreios, que ninguém lh'os inveja nem lh'os quer. O que nós queremos está plenamente conseguido. Queriamos simplesmente que se soubesse que os officiaes de cavallaria não podiam nunca reclamar cousa nenhuma fundados em vantagens da infantaria, porque taes vantagens não existem. Queriamos simplesmente que se soubesse que a situação dos officiaes de cavallaria não é peor que a situação dos officiaes das outras armas, e que n'esses casos satisfazer-lhe as exigencias com encargos para a nação, alem d'uma injustiça relativa porque o povo, sem recursos e sobrecarregado já com enormes sacrificios para o exercito, não pôde nem deve pagar mais. Era isso que nós queriamos. E isso conseguimos, valha a verdade, sem trabalho. Bastou-nos folhar a *Lista Geral d'Antiguidades* e levar a *Popular* a declaração ingenua de que effectivamente até os capitães de cavallaria vão mais favorecidos que os capitães d'infantaria.

De resto, ninguém apontou premios escolares como elementos de promoção melhor. Se escrevemos do sr. Fonseca alumno premiado na Escola do exercito é porque o alumno premiado é o n.º 1 na promoção, e o facto de ser numero 1 e ser excedido pelo sr. Barros Vianna que era dos ultimos do seu curso, vinha reforçar a nossa argumentação. De resto, não é apenas de dois mezes a differença de promoção entre aquelles cavalheiros, porque senão alferes do mesmo dia, é o sr. Barros Vianna tenente de 10 de junho de 1879, e o sr. Fonseca de 20 de julho de 1881. Differença importante que dá bem para os arreios, collega salsa de S. Roque!

Vae-se convertendo em petisco sem igual esta mania que tem o *Diario Popular* de contar a antiguidade dos officiaes só do ultimo posto percorrido. De general de divisão para cima, amantissimo collega, que tão boas horas de cavaco nos tens dado. Fixe d'uma vez para sempre n'esse ponto a contagem das antiguidades militares.

E differença, note-se, que se dá entre muitos outros officiaes das duas armas. Assim o sr. An-

tonio Francisco da Costa, sendo alferes de cavallaria de 21 de janeiro de 1873. É tenente de 8 de agosto de 1877 e capitão de 31 de outubro de 1885. O sr. Antonio do Cabo Carvalho, sendo alferes do mesmo dia, é tenente de 17 d'outubro de 1877 e capitão de 31 d'outubro de 84. O sr. José Gerardo Teixeira, sendo alferes de cavallaria de 9 de dezembro de 1873, é tenente de 19 de junho de 1877. O sr. Bernardo Osorio, alferes do mesmo dia, é tenente de 9 d'abril de 1879. E mais quatro alferes de cavallaria do mesmo dia que sahiram tenentes dois annos antes de 28 alferes de infantaria!

O sr. Luiz Mousinho d'Albuquerque, sendo alferes de cavallaria de 12 de janeiro de 1875, é tenente de 10 de junho de 79 e capitão de 7 d'abril de 86. O sr. Francisco Xavier Pereira de Magalhães, alferes d'infantaria do mesmo dia, é tenente de 20 de julho de 1881 (!) e capitão de 10 de junho de 1886. E mais 6 alferes de cavallaria de 12 de janeiro de 1875 que sahiram tenentes primeiro dois annos que 26 alferes d'infantaria d'esse dia, e capitães no mesmo anno, mas todos mezes antes do que estes. Onde estão aqui as famosas preterições da cavallaria a contar do major Garcez para baixo? Decididamente o collaborador do *Diario Popular* não se torna a metter em outra polemica assim.

É certo que as promoções dos alferes de cavallaria vão mais atrazadas que as dos officiaes de infantaria promovidos áquelle posto pela mesma occasião. Mas já explicámos claramente o motivo de tal desigualdade. Porque enquanto no anno de 1876 foi distribuido um alferes graduado a cada regimento de infantaria, foram distribuidos dois a cada regimento de cavallaria. Em 1877 um para cada regimento d'infantaria e tres para cavallaria. E assim por deante nos annos seguintes.

Como é que os subalternos de infantaria não hão de ter mais vantagens que os subalternos de cavallaria? Hão de se crear mais regimentos para dar sahida a esses homens, que não tiveram bom senso para reconhecer as difficuldades patentes em que se iam envolver, nem previsão para se lembrarem do futuro? Ha de o paiz, a população trabalhadora que está farta de sacrificios, pagar todos esses erros? Não; é impossivel. Pôde o illustre antagonista armar á popularidade de caserna e ao effeito, accusando-nos de zombar da sorte dos alferes graduados. Nunca zombamos de cousas sérias. Mas também nunca esteve nos nossos habitos adular seja quem for nem de fazer de dizer a verdade com a franqueza de que nos prezamos.

Bemais, se a situação dos alferes e alferes graduados de cavallaria não é muito lisongeira n'este instante, é uma situação transitória que em breve desaparecerá com a eliminação das causas que levaram uma tal ou qual irregularidade ás promoções da cavallaria. Alem dos transtornos que uma tamanha quantidade d'alferes graduados produziu, a cavallaria está cheia d'officiaes relativamente novos, o que se não pôde deixar de resentir na promoção geral da arma. Assim, enquanto na infantaria ha 2 coronéis de 69 annos, 1 de 70, 2 de 68, 3 de 67 e 7 de 66, na cavallaria só 1 tem 68 annos, um 65 e os mais todos de 63 para baixo. O coronel mais novo da infantaria tem 59 annos. O mais novo da cavallaria 52.

Percorrendo a lista geral dos capitães d'infantaria encontraremos trinta proximamente com mais de 52 annos de idade. A cavallaria só tem dois d'esta idade e todos os outros d'ahi para baixo.

Ora tudo isto são circumstancias que acceleram hoje o movimento da infantaria como hão de accelerar amanhã o da cavallaria.

E tanto, que se descermos a examinar a proporção, unico termo de comparação admittido n'estes casos, entre os subalternos d'infantaria para os postos immediatos e aldos subalternos de cavallaria, veremos que esta está mais favorecida que aquella. D'onde se conclue que as promoções de cavallaria continuarão ainda no futuro, como tem vindo até hoje, mais favorecidas que as promoções d'infantaria.

Continuaremos.

CARTA DE LISBOA

21 de outubro.

Descendo l'N'este termo se resume a situação do partido republicano-portuguez. Vamos de mal a peor, não direi já por culpa de quem nos manda e governa, mas mercê principalmente da corrupção de quasi todos os soldados e da ignorancia da parte da massa popular convertida ao republicanismo, que não tem a precisa elevação intellectual para reconhecer que quem a ludibria e prejudica não são os homens realistas, mas os corypheus da causa democratica porque se está sacrificando. E então, em lugar de sanar as difficuldades, que entorpecem a vida do partido republicano, mandando de vez para o inferno todos os seus chefes e mandões, vae-os aguentando, aplaudindo e defendendo. Nesse caso queixe-se de si; não vocifere contra as corrupções da monarchia.

Não vale a pena gastar cêra com ruins defunctos e por conseguinte não seremos nós que insistiremos muito no assumpto. Alem d'isso, nem mesmo a carneirada do directorio deixa de estar, a estas horas, profundamente convencida de que as ultimas eleições foram mais um duro ensinamento para o partido republicano. E tanto, que cantando das outras vezes a victoria moral ao menos, d'esta nem victoria moral nem victoria material! Se não confessam por vergonha uma derrota completa, todos os leitores do *Seculo* e da *Folha do Povo* tem notado que no fundo do espirito dos collaboradores d'estes jornaes não persiste senão a convicção arreigada d'essa derrota.

De facto, a eleição de domingo foi um desastre de tal ordem que não ha rhetorica nem sophismas capazes de o encobrirem. Trabalhando a companhia do gaz desafortadamente a favor da lista republicana, não lhe fazendo o governo opposição séria, porque a verdade é que lh'a não fez, antes algum membro do gabinete a auxiliou indirectamente, sendo recebida com benevolencia pelos serpaecos e recomendada com decidido empenho pelos barjonaceos, sendo coberta com a protecção da maçonaria, leve o mais votado d'essa lista, o sr. José Elias Garcia, segundo os calculos electoraes do proprio *Seculo*, menos 3:692 votos que o mais votado da lista monarchica, o sr. Rosa Araujo. Cifra que diz tudo! Não precisa d'outros commentarios.

Isto, temando o sr. José Elias Garcia como termo de comparação. Agora se notarmos que tal homem, agente da monarchia no seio dos republicanos, não representa de nenhum modo a votação republicana, se notarmos que os puros suffragios democraticos não podem estar senão no mais obscuro e humilde dos candidatos do directorio, acharemos que o menos votado da lista republicana, o sr. Jacintho Fernandes, teve menos 4:500 votos (uma libra d'elles!) que o menos votado da lista monarchica. Quer dizer, se o governo a valer quizesse guerrear a lista republicana não restam duvidas a ninguém de que, com previdencia e geito n'um desdobraimento bem planeado, teria arrancado as minorias. E eis a que nós fomos parar ao cabo de

oito annos de combate e quando todo o paiz já reconhecia o corpo eleitoral da capital como convertido ao republicanismo!

O *Seculo*, como já dissemos, deixa perceber nos seus artigos d'estes dias o desalento que lhe vae n'alma. Todavia, nega a decadencia da força eleitoral republicana em Lisboa, e persiste em affirmar que o resultado das eleições não foi d'esta vez mais minguido para nós que em março que passou. Ora foi tal. A votação republicana das eleições municipais de 1885, contra todos os monarchicos colligados, que lutaram então desesperadamente contra nós, foi de 5:136, fóra a area rural annexada. Nas ultimas eleições geraes de deputados, o candidato republicano mais votado teve 4:420 votos. No domingo, descontando as assembleias ruraes, o sr. José Elias, em grande parte votado pelos monarchistas, obteve simplesmente 4:359, segundo o mappa publicado pelo *Seculo*. Logo, se o candidato mais votado dos republicanos perdeu, de 1885 até 1887, 716 votos, o proprio sr. José Elias, não obstante o reforço dos maçonicos, o reforço da companhia do gaz, o reforço dos barjonaceos e o reforço da clientela indecorosa que os seus escandalos como vereador vitalicio tem creado, perdeu sessenta e um votos de março para cá. Mas como o sr. José Elias não serve por causa d'esses mesmíssimos reforços, ou, ainda mesmo que servisse, como é a media o elemento do calculo n'estes casos, descontando a votação da area rural, vê-se que a media da lista republicana foi de 3:890 votos, ou menos 1:336 votos do que nas eleições municipais de 1885 e menos 620 do que nas eleições de deputados de março que passou. O que dá de sobejo e de sobra para os decantados côrtes que o *Seculo* imaginou nos recenseamentos electoraes d'esta cidade!

N'uma das penultimas eleições obtivemos o triumpho em 13 assembleias electoraes. Em março d'este anno ainda conseguimos obte-lo em duas — S. Nicolau e Santos. Domingo não o obtivemos completo em nenhuma, porque mesmo em Santos se alguns nomes da lista do governo foram menos votados que outros da lista republicana, também alguns d'esta o foram menos que outros da lista do governo.

Já em março passado demonstrámos n'este jornal como o bairro oriental, o bairro operario por excellencia, o bairro dos melhores servidores do partido e que fóra por tantas vezes o seu mais decidido e invencivel baluarte, ficára decididamente perdido para a republica. Agora tivemos outra desillusão tão amarga como essa: a assembleia de S. Nicolau, onde domina o pequeno negociante e o caixeiro que se julgavam decididamente adquiridos á causa republicana, a assembleia de S. Nicolau, tantos annos fiel ao republicanismo, que se dizia uma especie d'aringa do directorio, foise para a monarchia com 204 votos!

E tudo isto, note-se, não se esqueça, que é importanté em demasia, trabalhando a poderosa companhia do gaz em favor da lista republicana, trabalhando os barjonaceos, trabalhando os maçonicos, trabalhando *tutti quanti* de *paetistas* e *arrangistas* vão por essa Lisboa do senhor e dormindo o governo o somno dos justos sem o minimo cuidado pelo acto eleitoral. Que faria se os elementos revoltos d'outras occasiões nos fizessem fogo a valer!

Todos estes factos seriam graves, muito graves, para a existencia do partido republicano, se existisse partido digno de tal nome. Se existisse, de ha muito que teria olhado para a direcção errada que a má cabeça dos seus chefes lhe incutiu. Se existisse, de ha muito que teria posto termo aos mais indecorosos dos arranjos e á mais vergonhosa das

conductas. Se existisse, depois da proposta jacinthacea não acceitaria mais cousa nenhuma que emanasse do directorio. Se existisse, não teria principalmente descido ha quatro dias á suprema degradação de votar n'um homem que representa o elemento mais ruinoso de qualquer partido e de qualquer causa. Como em logar d'elle existe uma turba-multa de especuladores, com uma plebe sincera, mas profundamente ignorante e em grande parte desmoralisada, tudo marcha bem e no melhor dos mundos que Panghos imaginasse.

A monarchia irá tripudiando sobre a honestidade publica e os bons republicanos lamentarão tanta cegueira e maldade, que não teem outro recurso.

—Acabo de ler no *Seculo* umas cartas do sr. Manuel d'Arriaga, resignando o cargo de vereador para que foi eleito ultimamente. Este acontecimento era esperado pelas profundas dissilencias que surgiram entre o sr. Manuel de Arriaga e os seus collegas na chefatura republicana. Commento-lo-hei no proximo numero.

CARTA DA BARRADA

Outubro, 22.

Preparam-se as autoridades e os magnatas progressistas da BARRADA para irem ao beija-mão, que o rei lhes vae dar, proxima-mente, em Aveiro. O burgo enfundado á politica pessoal do sr. presidente do conselho, este burgo, que lhe deu a pasta de ministro e a cadeira do Banco Hypothecario, que o fez entrar na camara alta e na burocracia endinheirada, isto é, que lhe deu a independencia politica e a independencia monetaria; este burgo podre que levantou ás cumiadas do poder um homem que n'outro qualquer paiz não passaria d'uma mediania qualquer, sem dotes de estadista e sem estofos de elevado talento para sahir da vulgaridade dos nossos modernos politicos de pechisbeque; este burgo terá larga representação no ceremonial e nas festas de que os aulicos da realza vão fazer theatro a mimosa cidade do Vouga. Entretanto, a BARRADA atravessa uma crise tremenda, a braços com a invasão phyloxerica, que terá dentro em pouco amiquillado a primeira riqueza d'esta região, porque os homens mais importantes da localidade ligam mais consideração ás lantejoulas da realza e correm mais a foguetes diante das carruagens reales, de que se occupam dos interesses e das necessidades que se prendem com o futuro d'esta circumscripção vinicola.

Esses homens lisongearão o rei em Aveiro com duas phrases de estudado servilismo, e dirão aos ministros da sua intimidade que tudo vae bem n'este paiz de compadres e de capitalistas á pressa; mas, o que temos a certeza é que, se o povo da BARRADA podesse ter ingresso junto da comitiva realenga, diria aos festeiros, que o estrondo dos foguetes e o vozear das phylarmonicas representam apenas um escarneo á situação angustiosa que se prepara para uma parte importante do districto, cuja riqueza principal — o vinho — está hoje mais do que nunca em risco de inevitavel comprometimento!

O povo, se podesse ser ouvido, diria ao rei e aos ministros, que, em vez de festas e de ruidos espectaculosos, melhor era que os poderes publicos se occupassem de minorar a triste situação da viticultura da BARRADA. Mas, em nada d'isto se fallará, porque a folia não dará tempo para pensar senão em consumir com agrado da realza as grossas sommas tiradas ao suor do povo e aos interesses viticos dos contribuintes do districto.

Edificantes festas!

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Foi muito concorrido o enterro do nosso infeliz amigo Antonio Augusto Mourão, cujo sahimento se realizou pelas 8 horas da noite de quarta-feira.

Abria o prestíto funebre grande numero de amigos do finado moço, seguindo-se depois todos os membros da phylarmonica Aveirense, devidamente fardados, a cuja corporação Antonio Mourão prestára beneficios; ia depois toda a benemerita corporação dos bombeiros voluntarios, a que o finado pertencia, e logo após seguia o caixão funerario conduzido na carreta dos bombeiros.

Levava a chave do caixão o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, que já occupou o lugar de commandante d'aquella companhia.

Foi uma imponente homenagem prestada ao infeliz moço, que a morte tão cruelmente ceifou na quadra mais risonha da vida—aos 28 annos!

Descance em paz o mallogrado extincto.

A phylarmonica Aveirense convivia todos os seus amigos e do finado Antonio Augusto Mourão a assistir ás exequias solemnes que por alma d'este seu chorado amigo tenciona celebrar na igreja da Apresentação, no dia 25 do corrente, pelas 9 horas da manhã.

Falleceu na terça-feira de manhã, após um curto soffrimento, uma filha estremecida do nosso amigo o sr. Francisco de Pinho Guedes Pinto, esclarecido escrivão da camara municipal d'esta cidade.

A infeliz menina, que era o enlêvo de seu pae, despediu-se do mundo no verdor da existencia, pois contava apenas 13 annos de idade.

Ao sr. Guedes Pinto, tão duramente ferido no seu coração de pae amantissimo, enviamos a expressão sentida do nosso pe-zame.

Mette nojo a maneira como esses parlapatões para ahí continuam a apregoar o entusiasmo que vae em Aveiro pela visita da familia real.

Aonde diabo está esse entusiasmo mettido? Pelas ruas não consta nada.

Nomearam-se para ahí umas comissões, unicamente com o fim de fazer barulho lá fóra, mas ninguem quiz fazer parte d'ellas. A festa, como se sabe, é toda official e não nos consta que nenhum particular dispenda sequer um vintem.

Os festejos, a avaliar pelo que se vê por ahí, não devem valer um caracol, apesar de haver dinheiro com fartura para gastar.

O diabo são os arranjos...

Um jornal do Porto publicava ha dias a seguinte noticia:

«Os cantoneiros das estradas da 1.ª secção da direcção de Aveiro ainda estão sem receber os ordenados do mez de junho por incuria dos poderes competentes que pouco se importam com que os trabalhadores morram de fome; e não contentes os taes senhores com estas patifarias divertem-se a chamal-os á M.ª Posta para receberem e respondem-lhes: não trouxemos dinheiro.»

Pelimos ao sr. Araujo, director das obras publicas de Aveiro, que providencie para que acabem estas irregularidades que causam graves transtornos aos pobres cantoneiros, pois que, não se lhes pagando os salarios, não tem pão para dar a suas familias.»

Emquanto se vão gastando rios e rios de dinheiro com festejos á cara familia real, estão os pobres cantoneiros a morrer de fome!

Santa gente a que nos governa, que só tem dinheiro para bambuchatas!

Querem saber a que se reduzem os brilhantes festejos pela visita da familia real? Limpeza de teias d'aranha das frontarias dos edificios publicos e d'alguns particulares e uma simples caidella; mastros, bandeiras e foguetes de nove estalos; musica, vivas d'encomenda e nada mais.

Como vêem é uma festa rija e que ha de surprender os regios viajantes.

E hão de vêr que com estes brilhantes festejos e com arranjos se hade consumir muito dinheiro.

O contribuinte vá já preparando as algibeiras porque ha de mais tarde pagar todas estas bambuchatas com lingua de palmo. E' ter paciencia.

Subiu este anno a 103 o numero de alumnos matriculados no Lyceu Nacional de Aveiro. O numero de matriculas por disciplina é de 310.

Desde 1880 é esta a maior frequencia que tem havido no nosso lyceu.

Do *Jornal do Povo*, de Oliveira de Azemeis, transcrevemos o seguinte, que vae com vista ao sr. chefe da secção do real de agua de Aveiro:

«*Apprehensão importante.*—No dia 9 do corrente um empregado da guarda fiscal, do visinho concelho de Cambra, foi á freguezia de Castellões, e, entrando na casa d'um negociante, na occasião em que este jantava, apprehendeu-lhe dois decilitros de vinho que viu sobre a meza, levantando incontinenti o respectivo autol!

O individuo que nos communicou este facto não nos disse o motivo que levou o guarda a um procedimento tão velhaco; porém, para nós é ponto de fé que o tal negociante não teve a delicadeza de lhe offerêr da sua refeição, ao que anda habituada a maior parte d'estes empregados.

O atrevimento do guarda chegou ao ponto de levar o auto á presença do escrivão de fazenda d'aquelle concelho, que soube cumprir melhor com os seus deveres, reprehendendo-o severamente.

Estamos convencidos de que ás portas d'Alcantara, em Lisboa, não os ha melhores!

E' o que se pôde chamar um bom gancho!»

Nem que a gente os queira tomar a sério não pôde. Pois não se lembraram de chamar elegante pavilhão a uma barraca que se acha levantada no largo do Rio?

Elegante pavilhão é da gente morrer de riso! Barraca é que aquillo é, mas uma barraca muito fraca, que está mais propria para n'ella se venderem refrescos do que para outra coisa.

Um elegante pavilhão nonde a garotada salta á vontade sem ninguem se importar com isso. Façam ideia!

Se tivessem mais juizo nem alli tinham collocado aquelle estaferno, que apenas servirá para se rirem á nossa custa as pessoas estranhas que nos visitarem.

Aquillo só por troca!

Lêmos n'um jornal:

«O alferes Marinho da Cruz continua a dar indicios da sua epilepsia larvada, apresentando todos os dias para sua defeza testemunhas residentes em paizes estrangeiros, as quaes elle nunca viu nem conheceu, como provam as deprecadas que d'alli veem sem cumprimento declarando as testemunhas que nunca viram o réu. Parece incrível que o sr. auditor do conselho de guerra da primeira divisão militar se pres-

te a semelhantes joguetes quando a lei expressa no artigo 308.º do codigo de justiça militar é assim clara:

Artigo 308.º Não se concederão cartas de inquirição para fóra do continente do reino e ilhas adjacentes, salvo nos dois casos seguintes:

1.º Quando o crime ahí tiver sido commettido;

2.º Se o conselho de guerra, em vista da requisição do promotor ou defensor, que lhe será presente quando o negocio vier a ser submettido á sua deliberação, parecer necessario para prova de algum artigo essencial da accusação ou da defeza.

§ unico. Em todos os casos em que vier a expedir-se carta de inquirição para fóra do continente do reino, a dilatação será regulada pelo precedente arbitrio do auditor.»

Já está posta em vigor a nova lei do recrutamento, na parte que diz respeito á emigração para o estrangeiro, a qual estabelece que só os mancebos que contem menos de 14 annos de idade podem emigrar para paiz estrangeiro, pois que o artigo 89.º estabelece que todo o mancebo maior de 14 annos que deseje emigrar, terá de prestar uma caução de 500\$000 réis em dinheiro ou em hypotheca, para o poder fazer.

O barco em que a familia real deve ser conduzida até ás *Duas Aguas* acha-se já todo pintado de azul e branco. Este barco parece-nos que foi um dos que se empregou na conducção de lama para o Côjo, quando ultimamente se procedeu á limpeza da nossa ria. Agora, depois de pintado, não está feio de todo.

Ao centro acha-se já levantada uma especie de estrado, onde hade tomar lugar toda a regia comitiva. Como o trabalho ainda está em meio, vamos a vêr o que d'alli sahe.

Cautella que elle não se viro depois com o peso.

Na noite de 19 para 20 do corrente foi completamente destruida na Pocariça a casa de habitação, armazens e deposito de tabacos do sr. José Moreira Pessoa da Fonseca, montando os prejuizos a 25:000\$000 réis, havendo apenas 4:000\$000 réis cobertos por uma companhia de seguros.

Segundo dizem d'alli, os socorros de nada valeram.

Realisou-se no sabbado passado no Porto, perante o administrador do bairro occidental de aquella cidade, o casamento civil do distinto engenheiro sr. José Maria Pinto Gamello com a sr.ª D. Bertha Lehmann.

No dia 29 do corrente devem começar as audiencias geraes n'esta comarca. Eis a relação dos individuos que tem de ser julgados:

Antonio Cyrillo, da Gafanha, accusado pelo ministerio publico do crime de offensas corporaes voluntarias na pessoa de Antonio Miguel, em 6 de março do corrente anno.

Manuel Simões Morgado e Manuel Ferreira Borrallho Junior, de Arada, accusados por João Gonçalves Sarrico, de Ihavo, e pelo ministerio publico do crime de ferimentos.

Domingos Marques da Silva, de Aveiro, accusado pelo ministerio publico de tentativa de homicidio.

João Nunes de Carvalho e Silva, de Eixo, accusado pelo ministerio publico do crime de offensas corporaes.

Hygino Mieiro e José Rodrigues Mieiro, de Aveiro, accusados pelo ministerio publico do crime de prisão illegal.

João Cordeiro, da Gafanha, accusado pelo ministerio publico do crime de prisão illegal.

Dyonisio Gonçalves Vaz, de

Ihavo, accusado pelo ministerio publico do crime de prisão illegal.

Recbemos o n.º 16 do semanario portuense *O Camões*. Abre com um bello artigo de Pinheiro Chagas e traz ainda outros, sendo um d'elles a favor dos caixeiros. Poemas, anedotas, pequenas curiosidades nacionaes, tudo muito interessante, completam o resto.

A contar d'este numero, o *Camões* vende-se avulsó em diversas terras a 10 réis. Deve tornar-se popular, e merece-o, porque instrue e diverte.

Segundo a nova lei do recrutamento—serviço militar obrigatorio e pessoal—todo o cidadão portuguez, ou estrangeiro naturalizado, deve, para facilitar a determinação do domicilio, base do recenseamento, logo que seus filhos varões completem 18 annos de idade, communicar este facto á administração do bairro, ou á camara municipal do concelho, de cuja communicação se lhes passará recibo.

O mesmo encargo cabe ás mães viuas, ou tutores, ou a quem representar a auctoridade paterna, e na falta de pae, mãe ou tutor, ou ainda existindo estes, porém os mancebos de 19 annos fazer essa communicação.

Igual obrigação é imposta aos parochos e regedores em relação aos mancebos domiciliados na respectiva freguezia, bem como aos directores de hospicios, administradores ou provedores de misericordias, ou outros estabelecimentos d'esta natureza, e aos administradores de concelho ou bairro, no que fôr relativo a registro civil.

No 1.º de janeiro de 1863, durante a guerra que armava o sul contra o norte, Lincoln, presidente da republica dos Estados Unidos, proclamou a emancipação dos escravos em todas as partes do paiz insurreccionado. Desde logo uma grande multidão de homens, mulheres e creanças, fugindo á escravidão, entraram de acompanhar os exercitos do norte. Imploravam a protecção dos soldados e offereciam em troca combater nas suas fileiras.

Cita-se a este proposito uma resposta nobre dada por pobres escravos. Diziam-lhes que eram livres e perguntavam-lhes o que elles queriam que se fizesse em seu favor. Confusos a principio, não se atreviam a responder; depois, passados os primeiros momentos de surpresa, pediam simplesmente:

—Ensinae-nos a lêr.

Foi no anno de 1870 que o governo ingl-z pôz em pratica a ideia de utilizar os serviços da mulher nas repartições do estado e ordenou que se fizesse o primeiro ensaio n'este sentido.

Setecentas reparigas foram empregadas nas repartições do correio quando se estabeleceu o serviço telegraphico, e desde então teve continuado a desempenhar admiravelmente a manipulação dosapparellhos electricos e o serviço geral das repartições.

Grande numero foram tambem empregadas nas repartições de communicações postaes, desempenhando serviços em diferentes repartições annexas á thesouraria, contadoria geral e caixa economica, onde os serviços são de importancia e de responsabilidade.

As horas de repartição estão estabelecidas desde as 10 da manhã ás 4 da tarde; e a tarifa dos vencimentos é a seguinte: Empregadas de 2.ª classe, que é a mais inferior, 65 libras annuaes com augmento de 5 libras por anno, até ao maximo de 80 libras annuaes; empregadas de 1.ª classe, 85 libras annuaes com augmento de 7 libras e meia por anno até ao maximo de 100 libras; empregadas principaes, 110 libras

annuaes com augmento de 10 libras por anno até ao maximo de 150 libras; superintendentes graes, recebem 215 libras annuaes com um augmento de 15 libras por anno até attingir o maximo de 400 libras.

Para optarem por collocação, as pretendentes tem que sujeitar-se a exame publico por concurso.

Emprega-se tambem o bello sexo nas repartições do correio no trabalho de apartar as distribuições; estas empregadas são de categoria inferior e os seus vencimentos muito mais reduzidos que as que exercem logares de maiores recursos intellectuaes.

O numero total de mulheres no serviço das repartições do correio ascendia no anno passado a 3:456, das quaes 699 eram guardalivros e escripturarias e 2:757 telegraphistas, distribuidoras, classificadoras, etc. Estes empregos secundarios são tambem adquiridos por concurso.

O satisfactorio exito obtido pela pratica nas repartições do correio, com o emprego da mulher no desempenho dos diferentes cargos, fez com que se utilisassem os seus serviços em outros ramos de administração publica, e induziu muitos estabelecimentos commerciaes a seguir este exemplo.

Ha dias prégava um missionario na igreja parochial de Molino del Rey, nas proximidades de Barcelona, e o padrao lembrou-se de dizer que nas escolas seculares ensinavam ás creanças o caminho do presidio.

Uma das mais elevadas auctoridades, não pôde conter a sua indignação, pôz-se de pé e apostrophou assim o prégador:

—Você mente!

Os fleis, como que impulsionados por uma mola, levantaram-se tambem, agglomerando-se em frente do pulpito e tratando o missionario de calumniador e mentiroso sem vergonha.

No meio do tumulto sobresahia a voz enérgica d'um deputado, que gritava:

—Sim, sim, você mente! Estes homens tem razão; você mente!

O prégador fugiu para a sacristia sem concluir o sermão, e a maior parte dos circumstantes abandonaram a igreja.

Se procedessem assim com todos os missionarios e outros prégadores que fazem do pulpito soalheiro de calumnias e infamias, os tonsurados teriam a lingua mais curta.

Experimentem, e verão.

Perante as respectivas camaras municipaes estão a concurso as seguintes cadeiras primarias:

Villa Nova de Ourem — Elementares do sexo masculino nas freguezias de Freixiande, Ourem, Fatima e Caissa; ordenado de cada uma 100\$000 réis.

Guimarães—Elementar do sexo masculino nas freguezias de S. Martinho do Conde e S. Thomé de Galdellas, e do sexo feminino na freguezia de Santa Eulalia de Nespereira; ordenado da primeira 150\$000 réis e de cada uma das outras 100\$000 réis.

Bouças — Elementar do sexo masculino na freguezia de Lavra; ordenado 100\$000.

Valpassos — Elementar do sexo masculino nas freguezias de Carrizado de Montenegro, Fornos, Friões, Jou, Padrella, Possacos, Rio Torto e Veiga do Lilla; ordenado de cada uma 100\$000.

Villa Nova de Gaya—Elementar mixta na freguezia de Canidello; ordenado 144\$000 réis.

Macedo de Cavalleiros — Elementar do sexo feminino na freguezia de Moraes; ordenado réis 100\$000.

CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco-Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

BIBLIOGRAPHIA

Historia de Victor Hugo.
— Sahiu o 27.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.
Veja-se o respectivo annuncio.

A Martyr. — E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos.
Recebemos o fasciculo 41.
Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 14 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continua a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 42 d'este magnifico jornal de modas.

ANNUNCIOS

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approved nos hospitais. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approved pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher da de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento "lunch" para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao "toast", para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Imprimem-se cartões de visita, avisos, participações de casamento e cartas de convite

PREÇOS CONVIVATIVOS

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o *Pará* e *Manaus* sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o *Pará* sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de *S. Paulo* dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfectos e preços baralissimos.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peitão, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres grávidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qual quer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

A MARTYR

POR

EMILE RICHEBOURG

Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 100.000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo oportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 240 réis

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 17 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de **CLAVEL & C.ª**

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 123 — PORTO

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approveda por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatório.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

A LIVRARIA CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

EDITORES — BELEM & C.ª

26, Rua do Marechal Saldanha (Cruz de Pau), 26—Lisboa

AS

DOIDAS EM PARIZ

UM DOS MELHORES ROMANCES DE

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana, 50 réis

ESTE notavel romance de Xavier de Montepin não é uma simples obra de phantasia; o seu entreccho é formado por factos, que a cada passo se estão dando na vida pratica, e denuncia muitos crimes que ficam impunes na maioria dos casos, e que são commettidos á sombra de certos privilegios conferidos pela posição social. Apontar com exemplos frisantes á vigilancia e vindicta da lei alguns abusos, que aliás são frequentes nas diferentes posições sociaes, desvendando os mysteriosos horrores da corrupção, e procurando excitar a attenção d'aquelles que possam por qualquer forma concorrer para que fique frustrado o intuito de tão torpes como interesseiras machinações, tal foi o fim do auctor.

E' pois este um verdadeiro livro de combate, ao mesmo tempo que constitue uma leitura muito agradável pela animação dos dialogos, pela exactidão das descrições e pelo interesse sempre crescente das suas peripecias.

Tendo-se esgotado a primeira edição d'este romance, a empreza, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album do Minho

Contendo as principaes vistas de Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Villa do Gonde, Caldas de Vizella, Barcellos e Povoas de Varzim.

A empreza pede aos seus estimaveis assignantes toda a sua attenção para este valioso brinde, e promette continuar a offercer-lhes em cada obra outros albums, proporcionando-lhes assim uma colleção equal e escrupulosamente disposta das vistas mais notaveis de Portugal. Os albums de Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.